

O BAFO DA TERRA

espécie de novela, por Mando Martins

Esos dias escorriam-se atados uns aos outros por tempestades chuvosas.

As nuvens emmontanhavam-se no céu pardo, esgalhado de braços ossudos de castanheiros magros. Os dias escorriam-se, e era a Vida que se escorria cinzenta e monótona, monótona e cinzenta para nunca mais voltar atrás.

Uma salidade indefinida, futura, a adivinhar que nos dias longínquos de sol se há-de recordar com amor este aborrecimento com-prido da chuva e das horas pobres, iguais. Dá vontade de nos agarrarmos ao tempo, faz-lo estacar, para contemplarmos parados a vida quieta como um pântano; ou então fazer coisas extraordinárias, erguer heróis numa actividade frenética como se quiséssemos beber apressadamente a golos sófregos o curto tempo duma vida que se sabe vai acabar já.

//

Vitoriano era o professor da aldeia, onde fazia versos líricos com amores abstratos, e ensinava havia 6 anos; 6 anos calmos, parecidos uns aos outros como gémeos.

Tinha vindo da cidade, saído do carinho da mãe, cuidadoso e pelintra de viúva de funcionário público.

Nos primeiros tempos gostou da vida aldeã. Passeios pelos campos a furar moitas, a subir aos cimos mais altos em anseios curiosos de descobrir mais para além, a descer fragas es-corregadias e a procurar encantos bizarros de paisagens.

Pedaços de caminhos, de paredes baixas desmoronadas, orlas de salgueiros velhos, e um forte perfume verde de erva húmida, sopravam-lhe vagos recordos de que talvez um dia muito longe tivesse passado ali.

Gostava de interpretar a fisionomia das paisagens. E dizia-se retoricamente que a Terra é a história do Homem num alfabeto de montanhas.

As Montanhas!

São umas que estendem ao comprido, do vale os seus corpos torcidos de volúpia, para lá longe ao pé da brasa do sol se juntarem num amoroso abraço nupcial. Outras como bustos de cabeças pendidas a chorar lágrimas de fragas retalhadas duma tristeza meditabunda. Outras que atiram os membros ao céu e abrem a boca numa alegria bárbara, descomposta e muda. Outras que são ventres prenhadados na ansiedade dolorosa e fecunda da maternidade.

E que são corpos de atletas colados num lance correcto de orgulhosa valentia. Mãos piedosas em oração implorativa, tão erguidas que quasi se picam nas estrélas. Suicídios desesperados com gestos raivosos a traír remorsos. Cabeças voluntariosas de condutores de povos de rectas testas decisivas. Suicídios suaves, duma suave dor humana a esvaír-se pelas veias cortadas, com pingos de sol vermelho a diluir-se lá em baixo nas águas manchadas do rio. Todas as poses do crime e do desvalio do sexo. Ataques. Precos. Estupros. Sorrisos. Defesas. Pragas. Soluções. Todos os desenhos que a alegria e a dor rasgam no terrível rosto humano.

A luta milenária do Homem contra si e contra os outros, talhada em expressões formidáveis de volume, duma Beleza enorme e calada. Vida realizada. Vida suspensa. Dita na vibração dos corpos gigantes que de repente se immobilizaram modelados nessas formas vivas, huma-

nas, duma Humanidade grandiosa e imponente, a que dão movimento o tintelro rico do céu e os cambiantes vários entre o incêndio arrogante do sol nascer ao desmaio tísico do sol pôr. A que dá voz o sópro sonoro do vento vagabundo.

Porém as mesmas paisagens começaram a repetir-se quando deixou de ver nelas as criações dos seus caprichos imaginosos—as Montanhas eram só já enormidades absurdas de terra e fragaredo.

Os camponeses passavam de enxada ao ombro. Via-os ao longe minúsculos na imensidão avermelhada de lombos de serras, curvados sobre a rabicha do arado assoando aos bois uma canção vagarosa e primitiva. Metiam-lhe nojo sempre dobrados sobre o trabalho, porcos, esfarrapados, a assoarem-se aos dedos untados duma camada de surro preto.

A sua vida irracional apegada à terra como as árvores, lisa e igual qual rio empantanado, causava-lhe repugnância como quando num cumprimento as suas mãos sujas da aspereza de pedras, lhe rascavam a fina pele das mãos cuidadas.

Porque se não revoltavam contra aquela vida, porque geravam filhos sabendo que viriam a roer a mesma miséria? Se fósse ele...

Eram feitos doutra carne esses animais insensíveis que distinguia dos burros apenas pela posição do andar.

Os Homens. A Terra.

E a Vida repetia-se. Repetia. Repetia: os Homens e a Terra eram sempre os mesmos: fecundos e brutos.

Os dias começaram a talhar-se uns pelos outros. Não havia mais a descobrir. A curiosidade gelou, e a sua vida perdeu a direcção. Vivia por obrigação, o suicídio era um acto enérgico demais para a modorra que o afogava.

Tr nsportava o tempo, com que outrem o carregara, sem ele saber para quê nem para onde.

A' noite, ao deitar-se, ao acabar a tarefa de ter existido esse dia, dizia mentalmente: mais um.

E sentia que podia viver ontra Vida, realizar coisas extraordinárias, bêbado de enérgica actividade, uma vida recheada de homem célebre.

Intimamente chamava-se fallhado.

Mais intimamente segredava-se que era um génio, viria a ser adorado por todos os homens.

De quando em quando, explosivos anseios, desejos impetuços, revoluções de nervos, desordenavam esta vida monótona e comprida como o tédio.

A' hora do correio era um sobressalto. Quando perguntava se tinha carta as mãos tremiam-lhe, os olhos acendiam um brilho novo na ansiedade do imprevisto.

Isto todos os dias, a-pesar-de saber que depois da morte da mãe ninguém mais lhe escreveria.

Se batiam à porta levantava-se com alvoroço na esperança da chegada da Pessoa, do Facto extraordinário que viesse revolver-lhe a vida toda: o toque de abalada para a luta triunfadora: as suas forças sobrehumanas iam agi-

tar, revolucionar o mundo, sem parar, sem dormir um momento. Ele tinha a dizer ao mundo uma coisa nova. Não sabia o quê, mas tinha algo a dizer. Era um predestinado. O seu talento genial... quando começasse...

Quem bateria à porta daquela forma polida, distinta? Na aldeia não tinham aquela educação... Talvez... e dava um pulo a abrir. Era uma vizinha com um molho de couves para o jantarinho, era pouco, que desculpas. E a velha desfez a história longa duma galinha choca desde há 3 anos, sem pôr um ovo, que até parecia milagre.

Ele ouvia com desejos de a atirar à rua, mas não tinha coragem, atentava à história até ao fim com consideradores acenos de cabeça, interrogando com fingido interesse naquela sua estúpida mania de ser amável.

O mau humor rebentava logo que só.

Hipócrita! A educação de lacaio que os pais lhe deram. O seu eterno risinho cínico e bajulador. Aquêl feito reles de agradar, amoldar-se aos outros com medo de os incomodar. Quem se importava de o incomodar a ele? Ninguém! Todos o consideravam um pobre diabo. Assim nunca faria nada.

Mas a culpa também não era sua, mas sim das condições em que vivia.

Para ser Grande Homem é preciso ser rico, viver sem preocupações, isolar-se, não falar a ninguém. O cérebro para produzir deve não gastar energia com convivências.

Alli naquela aldeia miserável, com aldeões estúpidos como morcegos, sempre a baterem-lhe à porta, sem um momento de sossego, como poderia dedicar-se a uma Grande Ideia?

(Depois de pensar isto, pensou que o procuravam raras vezes.)

O mal estava no seu feitio. Ia modificar-se. Ia ser áspero, orgulhoso, grosseiro até, mas masculino.

E apertava as mandíbulas imaginando num espelho a cara dura que estava a fazer. Pronto: dali em diante ia puxar no rosto uma expressão decidida. O Homem tem de Se dizer na cara antes de Se exprimir nas palavras. Um aspecto facial bem escolhido é o melhor elemento para vencer.

Nunca mais voltaria a rir. Sabia que não lhe era possível, mas fazia por convencer-se.

Depois, a medo, balbuciava-se: também é preciso estar alegre, rir de quando em vez, embora não muito. Que diabo, a vida não é um entêrro.

Ser afinal como era: franco, afável para todos, engraçado até. Era um bom rapaz que toda a gente estimava. Conhecia acaso outro mais perfeito?

E ficava-se a fazer comparações.

//

Inverno.

A chuva parda atira-se continua e áspera do céu p' o.

Os lombos dos montes azulam esfumados, húmidos. A palha das ruas, chap, chap, sob os pés dos que passam, acorda com as notas chatas das gotas dos beirais.

A'gua. A'gua. A'gua. Sobre tudo, em toda a parte a correr cantarina. Como se a Terra chorasse uma viuvez histórica.

Longe a longe abre um dia de sol alegre e doente. A terra canta uma alegria debilitada de convalescência.

As mulheres sentam-se ao sol de cabeças inclinadas, a catar piolhos. O rapazio corre. Galinhas esgaravavam na palha nova. Pardais saltitam nos lavradores a escorrer água.

Pelos campos sôa a cantiga produtiva das campainhas de bois, e das enxadas—é uma ressurreição de Trabalho sob o céu lavado onde mira o olho mortiço do sol amarelo. De novo a chuva negra, incessante.

Noites compridas de inverno sobre que pesa a asa desesperadora da insónia. Tardes neurasténicas atrás dos vidros das janelas a ver a chuva que desaba sempre, sempre.

Lembrava coisas saídas de muito longe na vida, que talvez tivessem acontecido aos outros, mas de que nós sentimos saídas como se estivessem dentro da nossa carne. Os dias de verão que vêm à memória. A torreia abafada do sol muito vermelho a malhar na terra quismante como fornalha. Apetece ter calor e secura, ao sentir o frio molhado que entra os ossos, a canção intermínua dos baços da chuva.

Vitoriano tamborilava nos vidros a escorrem água. Pensamentos que se derretiam numa saúde indefinível, nem ele sabia de quê? Uma asfixiadora ansiedade de não sabia o quê, que chocava além na chapa do horizonte tapado, atrás do qual cantava a Vida, a tal sua Vida extraordinária, a rir na boca vermelhamente alegre da mulher deslumbrante à sua espera.

A chuva caía pesada e caturra. A terra encharcada respirava um cheiro são e forte de lavradro apertada no chapéu cinzento do céu cinzento de nuvens cinzentas, igual como a sua Vida que se sustentava só já da esperança de começar de novo.

Há vidas que ardem à espera do momento de começarem a viver, de se atirarem para a luta, como há outras que se gastam a ruminar o que já viveram, a desenterrar sensações do passado roídas pelo tempo, como se a Vida não seguisse sempre, e o presente fósse de inferior qualidade: o passado é a folha rasgada da memória, o presente é a vida virgem no Corpo todo.

Caía sobre as casas a pasta preta da noite. Passavam na rua vultos derreados.

Os telhados fumavam rolos brancos que desfaziam pela aldeia um perfume áspero de giestas verdes.

Vitoriano deitou-se tarde.

Alta noite bateram-lhe à porta. Foi abrir. Era um rapaz novo, cara como os outros, fato esfarrapado como os outros da aldeia. Tinha-lhe morrido o burro, vivia da venda de cargas de lenha na vila.

A mãe estava a morrer com uma fraqueza, sem comer nada lá em casa há três dias.

Vitoriano bocejou e disse para si—que maçada, 3 horas da manhã!

Recusou.

O rapaz fitou-o duro. O rosto tomou uma expressão feroz e triste. Os olhos como pontas luzentes de duas navalhas, as maxilas comprimidas, os lábios saídos voluntariosos.

(VOLTE)